

POR UMA PRODUÇÃO SOCIOLÓGICA: ENTRE A NARRATIVA HISTÓRICA E O SABER RACIONAL

ROSEMARY DE OLIVEIRA ALMEIDA*
 GEOVANI JACÓ DE FREITAS**
 JOÃO BOSCO FEITOSA DOS SANTOS**

RESUMO

O objetivo do artigo é refletir sobre o entendimento de que a análise sociológica passa pela articulação entre perspectivas e métodos teóricos, históricos e experimentais, provenientes do mundo objetivo e subjetivo da vida social. O texto é resultado de leituras, notas de aula e conversas com professores da área de Metodologia de Pesquisa. Tomando como ponto de partida a análise da narrativa, percebe-se que ela não é uma ciência, mas faz parte do texto científico, que une e ilumina o espírito do filósofo, do cientista e o de mulheres e homens comuns, ao relatarmos com emoção e simplicidade as suas experiências cotidianas.

Palavras-chave: metodologia de pesquisa, narrativa histórica, cientista social, análise sociológica.

ABSTRACT

The objective of this article is to reflect on the understanding that the sociological analysis is made through the articulation between theoretical, historical and experimental methods, that exist on the objective and subjective world of the social life. This text is a result of readings, class notes and conversations with teachers from the research methodology area. Taking as starting point the analysis of the narrative, it is understood that it is not a science, but is part of the scientific text, that unify and brings to light: the spirit of the philosopher, of the scientist, and of ordinary women and men, who tell with emotion and simplicity its daily experiences.

Keywords: research methodology, historical narrative, science scientist, sociological analysis.

Introdução

A busca do conhecimento sociológico se emaranha na rede de acontecimentos entrelaçados em relações sociais e culturais no sentido de compreender a dinâmica da realidade. Esta procura põe em xeque paradigmas teóricos tradicionais e contemporâneos voltados tanto para perspectivas macroestruturais quanto para olhares microcotidianos.

A análise sociológica intenta desde sua origem analisar questões estruturais, o que lhe confere a dimensão de ciência analítica das macroestruturas que elucida a existência dos indivíduos em sociedade. Em verdade, grandes paradigmas rechearam seu estatuto de ciência, cada vez que se submetiam a dúvidas o declínio de um referencial teórico e a instituição de um novo modelo sociológico. Do extremo das análises macro, chegou-se ao extremismo de análises microscópicas dos fenômenos e contingências sociais e do sujeito

como categoria central nos estudos sociológicos.

Essas considerações não pretendem recompor toda a veste histórica das teorias e metodologias da Sociologia no tempo. Pretende, muito mais, realizar uma análise que ultrapasse as explicações extremistas e/ou sínteses confusas que buscam um consenso da compreensão sociológica. A intenção não é de consenso, mas de dissenso (ALEXANDER, 1987), visto que, ao analisar o social, trabalha-se não apenas com estruturas e fenômenos sociais, mas também com indivíduos, culturas e subjetivação de seres envolvidos nos mais variados modos de expressão da vida e do

pensamento. Entendendo, portanto, que as questões estudadas pelo conhecimento sociológico são muito extensas e intensas, não é possível deixá-las à mercê das teorias, sejam quais forem.

Há, neste sentido, um movimento de articulação entre os métodos de análise da Sociologia e os de

outras ciências. A História, por exemplo, é uma dessas disciplinas; e a interlocução entre sociólogos e historiadores permite adentrar a compreensão das estruturas sociais e a experiência objetiva dos fatos históricos, bem como compreender o campo das sensações, das emoções e do mundo simbólico das relações. A Sociologia mergulha nas singularidades culturais do mundo objetivo e subjetivo, sem, contudo, abandonar seu papel na compreensão das realidades amplas, fecundada pelo conhecimento acumulado das teorias clássicas. Talvez esse debate entre subjetividade e objetividade não precisasse mais vir à tona, haja vista que, na dinâmica do curso histórico-social, as mudanças correm, os fenômenos e os indivíduos se aproximam e se distanciam, ao mesmo tempo, se entrelaçam e se imbuem de sentidos diversos, cada vez mais. Não é possível, pois, interpretá-los mediante ponto de vista único, seja ele estrutural ou cultural. A compreensão racional das relações sociais passa pela produção dos discursos e pontos de vista diversos, enfim, pela produção de conhecimentos que se realizam no espaço público da vida social. O raciocínio sociológico não se constitui unicamente por meio da esfera privada, do subjetivismo; tampouco do objetivismo, do determinismo, mas se institui na interface com o espaço social, como ação pertencente às várias dimensões individuais e coletivas. Sem a lente de aumento das várias ópticas, a análise sociológica poderá definhar e perder-se na concepção estrutural dominante, sem a devida articulação com a experiência, ou deixar-se levar por outros paradigmas baseados apenas em pesquisas empíricas. Uma coisa nem outra, como anota Alexander (1987, p. 5), *ação e estrutura precisam ser agora articuladas*.

O objetivo desse artigo é, neste sentido, argumentar a favor de uma análise sociológica que passe pela articulação entre perspectivas e métodos teóricos,

históricos e experimentais, provenientes do mundo objetivo e subjetivo da vida social.

2. Indícios: a narrativa na Sociologia e o sociólogo narrador...

O sociólogo trabalha com projetos teóricos? Narra ou explica teorias? Reproduz ou formula raciocínios?

Narrar sociologicamente não significa reproduzir teorias e o real em sua aparência. Significa “contar” os cantos da teoria e da realidade com rigor científico, mas também com criatividade; com o olhar que enxerga amplitudes, mas também com o olhar que enxerga o mundo vivido; com a mão que registra explicações profundas das estruturas, mas também com a pintura do obscuro por meio das interpretações; com o pensamento que analisa a objetividade dos fatos na generalidade social, mas também na singularidade do real. Realiza-se esse esforço sem esquecer o compromisso ético de produção de conhecimento. Portanto, um conhecimento que busca deixar sua marca e seu estilo na análise dos fenômenos com fins de constatar-los, compreendê-los, explicá-los e, quiçá, com fins práticos de contribuir para sua transformação social.

A Sociologia pode muito bem se relacionar com a Literatura como mais uma possibilidade de elucidar fatos sociais que, mediante a ficção – aspecto relevante no estilo literário –, faz emergir os destinos das personagens, retratando, muitas vezes, a história de homens e mulheres, cujas experiências estão enraizadas num mundo particular de relações determinadas e construtoras de novas determinações. Até que ponto ficção e realidade se aproximam para compreender experiências humanas? O romancista, por exemplo, ao buscar o recurso da narrativa, encontra essa aproximação quando escolhe um trecho que narra

acontecimentos e experiências humanas por meio da história e da ação das personagens.

É importante perceber, contudo, que a relação da Sociologia com a Literatura não se justifica, nem quando escritores usam apenas a descrição e a observação com intuito de tornar científica a literatura (LUKÁCS, 1965), nem desembocando num subjetivismo das relações psicológicas das personagens. É, antes de tudo, uma relação de complementaridade, quando se enfoca a narração de dramas humanos com o objetivo de elucidar as relações sociais, privilegiando a riqueza e variedade das experiências humanas.

Assim, explicar, mediante raciocínio sociológico, não significa constatar resultados prontos e acabados, mas elaborar, com o devido rigor científico e com a beleza de uma narração literária, um raciocínio fecundo que produz uma teoria entrelaçada com a realidade. Não precisa, para isso, fechar a porta à narrativa, às interpretações, à marca inventiva de cada autor. O importante é dar crédito aos vários instrumentos acumulados pela tradição oral e escrita, pelo método narrativo de contar história com prazer e pelo método científico de “contá-la” com rigor. Esses são momentos férteis que conferem valor à produção do conhecimento, que se estende da interpretação fundamentada nas estruturas sociais às interpretações fundamentadas na dinâmica da vida social.

2.1 A narrativa em Sociologia

A narrativa é histórica? E quanto à Sociologia, seria ela apenas analítica? Há sentido em dividir estes conhecimentos?

Escritos históricos que não sejam constituídos em comum com as experiências humanas, culturais e simbólicas podem se tornar uma narração desprovida de alicerce. Sem a experiência dos acontecimentos

cotidianos, baseados na narrativa dos fatos vividos e contados pela tradição oral, os registros da ciência podem se tornar mudos, incipientes, haja vista que são as experiências do mundo vivido que dão tom e cor ao discurso, à escrita, à análise. Segundo Benjamim (1985, p. 198), as melhores narrativas escritas *são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos*. Os anônimos são os personagens que vivem as experiências do dia a dia, que formam a história dos fatos. Os que procuraram transmitir essas experiências mediante a história oral e escrita tornaram-se os primeiros historiadores, conduzindo a uma série de reflexões sobre a validade ou não de seus relatos. Certamente, são as experiências as bases da narrativa, mas, no campo da escrita científica, não basta simplesmente transcrevê-las como verdade. A ciência estabelece uma “desconfiança” metodológica, no sentido de ir além de *ouvir, ver e registrar* os fatos, sejam provenientes de testemunhas oculares, sejam oriundos das teorias acumuladas. A ciência fundamenta-se na observação dos fenômenos na história, no sentido de compreendê-los, fazendo mediações com a totalidade histórica e com as experiências na qual estão inseridos.

Para Peter Burke (1992), há dois debates em relação à narrativa histórica, sendo cada um questionável, mediado por críticas, acertos, erros e extremismos: o primeiro apresenta uma discussão relativa à prioridade das estruturas; o segundo mostra a inclinação para contar uma história cotidiana. O primeiro é formal, estático e, muitas vezes, distante da experiência dos indivíduos na história; o segundo é centralizado no indivíduo e, geralmente, personifica o narrador. No sentido de estabelecer uma mediação entre os dois, Burke se aproxima da análise literária como um instrumento que ultrapassa os equívocos em torno de um e de outro. Para ele, a literatura propõe: primeiro

contar a história, iniciando por mais de um ponto de vista, ensejando um “conflito de interpretações” – “modelo dos romancistas”; segundo, a história contada e escrita representa um ponto de vista do narrador, ou seja, sua interpretação particular sobre os fatos, entre outras interpretações, não os reproduzindo como acontecem no real; terceiro, a narrativa histórica pode coexistir com as análises das estruturas, ao mesmo tempo em que exibe um sentido aos acontecimentos (BURKE, 1992).

Esta perspectiva estende à narrativa o estatuto de análise, já que se baseia não só na descrição dos acontecimentos vividos, mas também nas análises amplas e interpretações sobre eles. A ideia é “(...) fazer uma narrativa densa o bastante, para lidar não apenas com a seqüência dos acontecimentos e das intenções conscientes dos atores nesses acontecimentos, mas também com as estruturas – instituições, modos de pensar etc.” (BURKE, 1992, p. 339).

Ao aproximar sua análise da literatura e, mais especificamente, do romance, o autor aponta como alternativa, para responder às exigências da análise sociológica, a leitura de romances históricos que, certamente, trabalham além de fatos individuais, cotidianos e ficcionistas, visto que também conduzem o olhar para *importantes mudanças estruturais em determinada sociedade* e como essas mudanças causam *impacto nas vidas de alguns indivíduos* (BURKE, 1992, p. 339).

Argumenta-se, portanto, neste artigo, a favor da presença da narrativa em Sociologia, para que, em se tratando da produção de um texto científico, este seja alicerçado na densidade teórica, no rigor e coerência metodológica e, ao mesmo tempo, fundamentado nas experiências, nos detalhes e dramas individuais, capazes de transformar uma produção densa em um texto leve e prazeroso, em arte científica.

Outro elemento importante para a produção sociológica é a preocupação com o leitor. O texto valioso é aquele que “perturba” o leitor, não só pela profundidade teórica e coerência metodológica, mas, muito mais pelas emoções que é capaz de causar. É, como bem anota Eliane Robert Moraes: *Se não me deixo ser ‘perturbada’ pelas emoções da leitura, ou mesmo se ignoro as sensações que o texto produz em mim, posso realizar uma análise competente, mas alguma coisa, inevitavelmente, se perderá* (MORAES, 1992, p. 67). Assim, não só as produções literárias, sejam o romance, os contos ou a poesia podem perturbar nossas emoções, como também a leitura científica pode desconstituir certezas e experimentar incertezas.

Propõe-se, pois, não o consenso entre razão e emoção, mas, sobretudo, o conflito. Só ele é capaz de fazê-las conviver em seu dinamismo. Se há consenso, há acomodação em uma das instâncias. A Sociologia tem em seu texto, neste sentido relacional, a permanente tensão entre a capacidade de reflexão racional e a presença das subjetividades constituintes do autor e das personagens do texto sociológico. Outra questão, deste modo, surge: como situar o sociólogo neste ponto estratégico no entremeio da teoria e da experiência?

2.2 O sociólogo narrador

A alternativa se expõe na tentativa de não perder da vista e da mente do sociólogo a sua capacidade de produção, não apenas escrita, mas também oral: o espírito do narrador.

Na concepção de Gagnebin (1992), os primeiros narradores e precursores da história traziam à sua maneira a narração como instrumento para registrar os acontecimentos: Heródoto e Tucídides. Heródoto

pretendia reaver a memória dos acontecimentos para que não se perdessem na indiferença do tempo. Contando o que viu e/ou o que ouviu de testemunhas, pelo simples prazer de contar, sua tarefa era *contar os acontecimentos passados, conservar a memória, resgatar o passado, lutar contra o esquecimento* (GANEBIN, 1992, p. 11).

Tucídides não acreditava no prazer de renovar a memória como fonte para contar história. Ele rejeitava a importância da memória; ao contrário, a via como frágil e condenada à subjetividade. Sua metodologia consistia em apurar os fatos relatando *cada detalhe com maior rigor possível* para garantir a fidelidade do real (GANEBIN, 1992, p. 19). Ele não confiava na fala dos informantes nem na própria memória, mas apoiava-se em critérios racionais de “conveniência” e de “verossimilhança” dos acontecimentos, verificando-os na conjuntura política e na lógica da fala. Sua narrativa buscava interpretar uma versão histórica como sendo racional, por meio de critérios baseados na coerência e na lógica.

Para Walter Benjamim (1985), existem dois grupos de contadores de histórias entre tantos “narradores anônimos” que, relacionados, constroem a figura do narrador: aquele que viaja muito e tem muito a contar e aquele que permanece em *casa*¹, experimentando e conhecendo profundamente sua cultura, suas tradições. O narrador, contador de muitas histórias, pelo que viu e testemunhou em suas viagens ao exterior e também no interior de sua própria cultura, é portador de um “senso prático”, a fim de deixar escrita alguma coisa utilitária.

A abordagem desses narradores históricos e do narrador prático conduz à reflexão da personagem central desta análise: o sociólogo. Que paralelos podemos fazer entre esses narradores e o sociólogo? Se Heródoto conseguia prender a atenção do ouvinte porque contava história com prazer e emoção, será

viável para o sociólogo narrar suas pesquisas com certo grau de prazer para também prender a atenção do leitor? Há possibilidade de transcender a leitura feita por dever acadêmico e conquistar o interesse do estudante e do leitor mediante “perturbação” que a análise lhe causa? Não seria mais importante para o sociólogo aprender do “senso prático” do narrador a tarefa de escrever algo interessante e construtivo?

Este trabalho propõe uma síntese entre a liberdade da narrativa de Heródoto e a argumentação racional de Tucídides. Prazer de livre narrativa e rigor científico ao pensar os fenômenos sociais podem contribuir amplamente com o trabalho do sociólogo. Bourdieu (1989), ao escrever sobre o “ofício do sociólogo”, recomenda que rigor científico não é o mesmo que rigidez e que na análise sociológica “é proibido proibir”. Significa, neste sentido, o desprendimento da noção de incompatibilidade entre prazer e rigor, emoção e objetividade e a compreensão do valor da tensão entre essas noções para fazer uma ciência baseada na beleza da narração e no rigor da razão e da experiência.

O senso prático do narrador é, até certo ponto, uma crítica à forma de contribuição social das teorias sociológicas, não de forma pragmática, com o intuito de fornecer receitas prontas, mas no sentido de serem produtivas, de terem um retorno para o mundo real. Benjamim acentua que *o narrador é o homem que sabe dar conselhos*; no caso do sociólogo, que se alimenta do espírito do narrador, diz-se, neste artigo, que é aquele que sabe escrever bem um texto teórico; um texto não só compreensível, mas, também, capaz de ampliar visões críticas e de suscitar possibilidades de mudanças. Se a sabedoria do narrador é o conselho baseado na experiência vivida, a sabedoria do escritor científico é a palavra que interpreta, analisa e produz resultados e novos problemas de pesquisa, baseados

tanto na experiência quanto nas teorias acumuladas pela ciência. Assim, trata-se de uma análise racional, densa, rigorosa e, ao mesmo tempo, livre, ampla, interpretativa, convergindo para o público leitor e ouvinte, por meio do debate, da interrogação e da crítica, por muito tempo.

Ao se extinguir o espírito da narrativa entre os sociólogos, extinguem-se também os indícios de originalidade em seus trabalhos. Ao contar histórias, no entanto, por meio dos detalhes pormenorizados alusivos aos fatos sociais e aos indivíduos, muitas vezes insignificantes à primeira vista, é possível encontrar pistas, aparentemente sem importância, para a captação da realidade, mas essenciais para a compreensão da sua dinâmica. Assim, além de narrador, o sociólogo pode ser também um “caçador” que, se amparando numa aprendizagem longa, atravessando o tempo, aprende a *farejar, registrar, interpretar e classificar pistas* (GINZBURG, 1989, p. 151), construindo para si um saber com formas negligenciáveis na sua aparência, mas notáveis para conseguir resultados. O importante é que, ao adquirir esse saber, o caçador enriquece e transmite para a posteridade um conhecimento ou uma arte que, mediante a apreensão dos pormenores, dos dados empíricos, pode revelar fenômenos profundos cuja amplitude pode alcançar, também, as estruturas.

Estas palavras lembram bem o pensamento de Bourdieu:

O cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo coisas teóricas muito importantes a respeito de objetos ditos empíricos muito precisos, frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios (BOURDIEU, 1989, p. 20).

Bourdieu estabelece uma relação entre a ciência e a arte, ao considerar que, mais importante do que

formar objetos considerados de alto valor social e político, é a capacidade de constituir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos, como faz um artista que pinta quadros com traços e detalhes aparentemente irrisórios, mas capazes de transmitir originalidade. Só um olhar que contenha o espírito da humildade, da inteligência e da sensibilidade é capaz de apreciá-lo. Parafraseando o mesmo autor, dir-se-ia que se trata, pois, de um “jogo”, entre partes ditas opostas, mas que se aproximam para confirmar uma segura produção científica, em que o sociólogo se esforça para formular e esmiuçar um problema de estudo que, desenhado com traços sociais insignificantes, passa a constituir-se em objeto científico.

3. Indícios e sinais: interpretação, descrição e análise como caminhos da Sociologia

Que caminhos podem levar à articulação entre os “indícios” e os “pormenores negligenciáveis” da experiência – para utilizar a expressão de Ginzburg – e as características mais visíveis das estruturas sociais?

A análise sociológica permanece sendo uma interpretação que se baseia em dados históricos, filosóficos e culturais da realidade que se pretende conhecer. Aqui, entende-se a Sociologia como uma ciência de caráter hermenêutico, pois se aproxima da História, não apenas por interseções no que diz respeito ao objeto de estudo, *a história das sociedades humanas* (PASSERON, 1995, p. 67), mas por buscar reconstituí-la de forma interpretativa mediante a análise conceptual sempre em relação às exigências da experiência.

Passeron aponta três formas diferentes para configurar a análise sociológica: o raciocínio experimental quantitativo ou qualitativo, o sociológico e

o histórico. Fazendo uma síntese, a Sociologia permanece no meio de dois polos: o polo experimental representado pela Estatística, pela medida e por métodos comparativos de demonstração e constatação, e o polo da narrativa histórica, do discurso, da descrição e interpretação dos fenômenos. Os dois polos colocam-se opostos em um “eixo horizontal” para demarcar suas diferenças. Internamente, porém, cada um obedece a uma hierarquia, ou seja, a narrativa histórica que assume uma forma pura de discurso histórico está no topo, mas declina em direção a uma síntese histórica; da mesma forma, o raciocínio estatístico puro assume o ápice da hierarquia, mas desce rumo ao raciocínio comparativo baseado em dados não quantitativos. Esta consideração assinala o enfraquecimento da forma pura de cada raciocínio, para uma possível articulação metodológica entre eles (PASSERON, 1995).

À Sociologia cabe a posição que medeia esses dois movimentos, concebendo-a aqui bem mais próxima da narrativa histórica, pois carregada de sentido e historicidade dos acontecimentos coletivos e individuais, além de verificar-se uma desmistificação da pureza dos dados quantitativos, não permanecendo, pois, por muito tempo, no polo da estatística. A Sociologia, entretanto, continua embebendo-se do raciocínio experimental quantitativo ou não, como fonte metodológica de coleta dos dados. Ela não está só, não é uma ciência pura, mas “mista”, e assim, *devemos considerar o raciocínio sociológico como um raciocínio misto, no vaivém entre contextualização histórica e raciocínio experimental* (PASSERON, 1985, p. 87).

É o raciocínio sociológico passível de permanecer neste plano intermediário?

Ao ser chamado à “ordem histórica”, o raciocínio sociológico continua misto e prossegue intermediário, pois ela é necessária e válida a incorporação

empírica, para não se perder na abstração que pode permear o discurso histórico.

Com efeito, o ofício sociológico contemporâneo instiga o uso de procedimentos tanto quantitativos quanto qualitativos, de modo integrado, assegurando que essa aproximação não é tensa, mas complementar para melhor compreensão da realidade social (MINAYO, 1992; MINAYO e SANCHES, 1993).

Estas considerações levam a compreender a história não apenas do ponto de vista da ordem estrutural determinante das relações entre os homens, mas também da ordem da experiência e, principalmente, da cultura, como diz Jeffrey Alexander (1987, p. 24), *uma concepção robusta de cultura*.

Infelizmente este autor não argumenta em profundidade sobre essa ideia de concepção robusta de cultura. É na Antropologia que a cultura ganha espaço privilegiado de análise. Clifford Geertz (1978) resume a cultura como semiótica, carregada de sentido e “teias de significados”, e só é possível compreendê-la ao penetrar o mundo que é uma “ordem simbólica”, constituindo “universos culturais”. Para o exercício da pesquisa, Geertz nos aponta a utilização da descrição dos fenômenos, como forma de se buscar os seus significados diversos, portanto, como antropólogo, engaja-se num caminho metodológico baseado no trabalho de campo e suas técnicas para realizar essa descrição. Trata-se da etnografia, ou seja, o esforço intelectual e prático de descrever densamente e com eficácia, e não com improviso, os resultados obtidos no campo. Essa descrição, segundo ele, permite ao pesquisador não só a compreensão dos significados, mas também o estabelecimento de correlações entre eles.

Assim, pode-se falar de uma prática sociológica e antropológica que se apropria da etnografia, como subsídio à interpretação da complexidade das relações sociais e da cultura, no mundo; descrição norteada

por referenciais teóricos e pela observação, enriquecida pela reflexão que resulta, pois de processos interativos, para se chegar à análise, dando-lhe significado e coerência. Penetrar o mundo significa compreendê-lo não como estrutura única, mas como “teias de significados”, permeados de “estruturas significantes”, onde cada lugar, cada porão, cada comportamento exótico ou familiar tem significados abertos à interpretação.

Portanto, para contribuir com a compreensão dos caminhos da Sociologia, é fundamental, em Geertz, a ideia da “descrição densa”². Para ser eficaz, a “descrição densa” e minuciosa é acompanhada de uma formulação intelectual, teórica. Assim é possível ao sociólogo, inspirado no modo de fazer antropológico, assumir a capacidade de transmitir bem ao leitor os significados descobertos na cultura.

4. Ferramentas essenciais para a interpretação sociológica

A investigação sociológica requer procedimentos específicos e, por mais que se queiram padronizar técnicas, há que se ter em mente a ideia produzida por Mills (1982), para quem a Sociologia se faz mediante o trabalho artesanal, de elaboração do raciocínio que não sucede sem uma profunda imersão nas experiências de vida articuladas com a experiência intelectual. Trata-se do cultivo da *imaginação sociológica* que ocorre por intermédio do trabalho artesanal, associado, também, a “certo estado de espírito alegre”, que combinam ideias e experiências do mundo comum nem sempre aceitas pela razão técnica, mas que buscam sentido nas relações e interações sociais, sempre conflitantes. É este sentido quase ausente aos olhos comuns que a Sociologia busca compreender por meio da interpretação do mundo e das interações sociais entre humanos, em suas diferentes expressões

e manifestações. Logo, ao se pensar em trabalho artesanal, se imagina o oposto da rigidez da fabricação em série, fordista, padronizada, em que a relação do produtor com o produto é completamente diferente do *modus operandi* artesanal. O artesão parte de uma ideia, vai elaborando um produto passo a passo, com o conhecimento de cada etapa da ação, e com a liberdade de flexibilizar procedimentos para reconduzir o caminho da elaboração, caso seja necessário. O artesão costuma usar material disponível, empregando-o com criatividade com as ferramentas de que dispõe, resultando numa obra que o diferencia dos demais e o estimula a continuar criando, seja qual for o resultado estético e operacional da obra.

Assim é a pesquisa sociológica. Não se pode ter um modelo que se aplique em série para todas as situações. Os modelos ou ferramentas servem para indicar possibilidades de uso, mas, também, inspirar a criatividade do pesquisador. Cada investigação é uma nova experiência. O Sociólogo é um alquimista intelectual, que trabalha transmutando subjetividades em ciência, na busca de perpetuar as memórias e informações dos agentes envolvidos na pesquisa, como se o seu ofício fosse transformar estórias em história, pensamentos em fatos sociais e fatos sociais em novos pensamentos, e assim sucessivamente.

Bourdieu (1989) instiga-nos a reconhecer que pesquisa é um esforço de construção de um objeto científico, de modo que deve haver uma constante autorreflexibilidade pelo pesquisador. Compreendendo, portanto, o ato de pesquisar como um ofício intermitente, que se aprende praticando, Bourdieu reforça a ideia de que cada pesquisa é única. Com efeito, a autorreflexibilidade passa a ser considerada como *vigilância epistemológica*, na sociologia, em que a necessidade de separar a opinião comum do discurso científico é um grande desafio.

O mundo social é dinâmico, mutante e o ser

humano também o é. Ora, se tudo muda o tempo todo, mudam também as formas de olhar, de observar, acompanhar e avaliar, conforme a época, cada sociedade, todo lugar. No mundo contemporâneo as transformações são ainda mais efêmeras e surpreendentemente velozes, comparadas a épocas anteriores. Quando se pensa em compreender determinado fenômeno, antes disso, ele se modifica de tal sorte que as ferramentas de compreensão se tornam obsoletas. O pesquisador da contemporaneidade tem de ser ágil, intenso, flexível, mas não disperso e, sobretudo, atento ao rigor científico.

Necessário se faz, por conseguinte, ser criativo para lançar mão de técnicas apropriadas para a compreensão de suas temáticas. Eis o grande desafio do sociólogo da atualidade: saber trabalhar com as ferramentas metodológicas disponíveis, certificando-se de quando, quais e como utilizá-las, não abrindo mão das possibilidades de criação e adaptação de novas técnicas ou conjunções das existentes. De fato, alguns sociólogos ainda se mostram resistentes às novas tecnologias disponíveis, mas, parafraseando Silva (2003), pode-se dizer que, paradoxalmente, a sociedade – objeto de estudo desses cientistas – está mais vulnerável às *mudanças de época*. Por isso, há que se ter meios para melhor compreensão do mundo em transformação.

Desde o nascimento das ciências sociais, notadamente da Sociologia e da Antropologia, muitas técnicas de pesquisas são utilizadas com esteio na criatividade do pesquisador, mediante a necessidade de leitura do mundo real que se lhe impõe. Nesse movimento de constante busca de ferramentas metodológicas e triangulações, os pesquisadores reinventam olhares, fazeres e saberes, à medida que são instigados pelo tema que estudam. Muitas vezes, o próprio objeto de pesquisa inspira a inovação. Por isso, o sociólogo

descobre que nem tudo foi aprendido, porquanto aprender significa saber apreender. Ambos, aprendido e apreensão requerem tempo, paciência, experiências, e, sobretudo, capacidade para (re)aprender e (re)apreender. Como asseveram Berger e Luckmann (1985), o conhecimento relativo à sociedade é uma realização que possui duplo sentido, o de apreender a realidade social objetivada e o sentido de produzir continuamente essa realidade.

Os caminhos para ler e analisar a realidade possuem várias correntes teórico-metodológicas que esboçam desafios do conhecimento, mas, não se pode negar que há, pelo menos, três procedimentos metodológicos dos quais se originam as ferramentas que se procura inovar na busca de indícios e sinais da realidade que se tenciona interpretar. São eles: o que tem sido escrito sobre o tema em estudo (pesquisa bibliográfica/documental); a própria observação do sociólogo (incluindo recursos áudio-visuais); e a interação do cientista com os sujeitos envolvidos (entrevistas, questionários, relatos orais etc). Esses procedimentos instigam o uso de várias ferramentas metodológicas que podem ser utilizadas em todas as formas de narrativas do fazer sociológico com suporte em vários tipos de triangulações.

5. Alguns achados

Para finalizar, por enquanto, este escrito, retomamos a análise inicial da articulação entre os extremos, para afirmar que esse conceito “robusto” de cultura, na abordagem sócioantropológica, não pode ser enquadrado no “subjetivismo extremo” como a mera análise psicológica das personagens de uma pesquisa, nem no “formalismo extremo”, como a descrição do real regrada por leis formais. Importante é assegurar a reflexão cuidadosa no constante tensionamento entre

sensação, emoção, objetividade, subjetivismo, experiência, imaginação etc., que são fenômenos sociais como quaisquer outros, mantendo a análise baseada no rigor da razão científica.

O ofício do sociólogo passa pela “descrição densa”, pela interpretação de dados quantitativos e qualitativos, pela narrativa histórica e pela coerência teórica, sabendo que são formuladas a partir do que se imagina e se vê sobre determinada realidade. O que se tem, portanto, ao formular no pensamento a realidade observada, são interpretações, construções baseadas na experiência e na teoria, nas determinações de ordem subjetiva e objetiva. O “lápiz” do cientista não produz realidades substantivas, mas constrói representações sobre o real capazes de levar à compreensão dos acontecimentos, por meio do confronto entre análises estruturais e particulares que compõem a vida social. Assim, esse confronto torna-se uma aliança que impulsiona a procura dos significados que assolam as questões sociais, ensejando novas buscas, mais interpretações, outras questões... Essa aliança produz não só um texto coerente e rigoroso, como também “perturbador”, no sentido de provocar a criatividade tanto do escritor quanto do leitor.

Estas são, pois, algumas considerações que se aliam à tarefa de prosseguir com a reflexão e o debate sociológicos, tentando entender o raciocínio científico como uma produção teórica e prática, proveniente da relação permanente entre as ações, experiências e acontecimentos simbólicos da cultura da vida humana e os acontecimentos histórico-sociais, econômicos e políticos.

Enfim, retomando a análise da narrativa, que foi ponto de partida para esse entendimento, percebe-se que ela não é uma ciência, mas faz parte do texto científico, que une e ilumina o espírito do filósofo ao relatar as razões universais da existência; o espírito do

cientista, explicativo das conjunturas políticas e econômicas e o espírito de mulheres e homens comuns que relatam com emoção e simplicidade as suas experiências cotidianas. Se o sociólogo ainda não se entregou à robotização na produção de conhecimentos e à ilusão da abstração teórica ou da experimentação, ele ainda pode sustentar sua humanidade, tecida no espírito do narrador que bebe da fonte da cultura e no espírito do cientista que se alimenta da teoria, da razão, enfim, da plenitude humana.

Notas

- 1 Grifo dos autores, para ressaltar o narrador conhecedor da própria terra e de sua cultura.
- 2 Geertz esclarece que esse conceito é emprestado de Gilbert Ryle, autor que aborda em seus ensaios os vários significados que podem ter um simples gesto, dependendo da interpretação que é feita – o exemplo apresentado é o do ato de piscar o olho, que pode assumir várias significações. Para aprofundar, ver Geertz (1978).

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, Jeffrey C. O novo movimento teórico. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 4, vol. 2, São Paulo, ANPOCS, junho de 1987.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa como texto, imagem e som: um manual prático*. 6ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- BENJAMIM, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BURKE, Peter (org.). A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora

- da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2º volume. São Paulo: Martins Editora, 1959.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Início da História e as lágrimas de Tucídides. In: Narradores e intérpretes, **Revista Margem**, nº 1. PUC – São Paulo: EDUC, 1992.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. The way we think now: toward na ethnography of moder thought. In: *Local Knowledge: further essays in interpretive anthropology*. New York: Basic Books, 1983.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIEDKE, Élida Rubini. Breves indicações para o ensino de teoria sociológica hoje. **Sociologias** [online]. 2007, n.17, p. 266-278.
- LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MILLS, C. Wright. *A Imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.
- MINAYO, M. Cecília de S. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo / Rio de Janeiro: Editora Hucitec/ ABRASCO, 1992.
- PASSERON, Jean-Claude. *O raciocínio sociológico: o espaço não popperiano do raciocínio natural*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1879 a 1920)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- SILVA, J. de Souza. A mudança de época e o contexto global cambiante: implicações para a mudança institucional em organizações de desenvolvimento. In: SILVA, J. de Souza. *Mudança organizacional: teoria e gestão*. São Paulo: Editora ATLAS e Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003.

Rebecido para publicação em abril / 2012. Aceito em junho / 2012